

# Fatores determinantes da produção para autoconsumo na agricultura familiar

Réges Chimello\*

## Resumo

Este estudo analisou os fatores determinantes na produção para autoconsumo na agricultura familiar. Parte-se de um estudo sobre as transformações que a agricultura passou, de uma produção com poucos produtos químicos e basicamente manuais, para uma produção intensa, chamada de modernização do meio rural. O conceito de agricultura familiar é recente, consiste em propriedades onde predominam mão de obra e gestão familiar; é responsável por grande produção de alimentos e se enquadra em uma agricultura sustentável. O procedimento metodológico utilizado neste trabalho foi uma revisão bibliográfica a partir de material já publicado, constituído de livros, artigos de periódicos e materiais disponibilizados na internet. A produção para autoconsumo consiste em todo tipo de produção, bens, ferramentas de trabalho ou outros produtos que são gerados no interior da unidade familiar e utilizados pelos seus membros para suprir suas necessidades. Está presente em basicamente todas as propriedades rurais, em algumas com maior e em outras com menor intensidade. A principal característica é a produção sem o uso de agroquímicos, considerada pelos agricultores como alimento puro. Entre os principais fatores determinantes na produção para autoconsumo na agricultura familiar destacam-se: tamanho da família, da propriedade, as condições técnicas e a produção agropecuária, outras fontes de renda, ser filho de agricultor, Pronaf, entre outros fatores. No estado de Santa Catarina, a sucessão da agricultura familiar é um problema e está ligada à produção para autoconsumo. Com isso, verificou-se que a produção para autoconsumo é uma estratégia importante para a autonomia da agricultura familiar e um elemento integrante do modo de vida rural.

Palavras-chave: Produção para autoconsumo. Agricultura familiar. Propriedades. Alimentos.

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos algumas mudanças na alimentação dos agricultores vêm se tornando comuns. Alguns agricultores diminuíram a produção de alimentos para o autoconsumo e, com isso, buscam esses produtos no mercado local. A nova dinâmica produtiva no meio rural reorienta o uso do tempo e das terras, onde a produção de mercadorias torna-se predominante e, em muitos casos, absoluta. A produção de autoconsumo passa de uma prática efetiva à invisibilidade contábil (desprezo formal) e ao esquecimento (DUARTE, 2007).

O espaço rural brasileiro sofre profundas transformações provenientes das ações políticas, sociais, econômicas e culturais. Essas mudanças acontecem tanto nas grandes propriedades quanto nas pequenas e em todo o território brasileiro. O sistema produtivista está cada vez mais presente no meio rural e se manifesta na agricultura familiar, onde se pensava que, por suas características próprias, nunca ocorreria, pois sua produção, voltada em primeiro lugar à subsistência, estaria livre de tal influência (SCHERER; MIORIN, 2005).

O sistema produtivista é entendido como o processo pelo qual o progresso tecnológico se internaliza e penetra na agricultura, modificando o tipo de relação que o agricultor estabelece com a natureza e a agricultura. A modernização agrícola pode ser definida como o processo mediante o qual ocorrem modificações na base técnica da produção (GAZOLLA, 2004).

---

\* regeschimello@gmail.com

Este estudo define-se como pesquisa bibliográfica, considerando a análise de material já publicado, constituído de livros, artigos de periódicos e materiais disponibilizados pela internet (STRIEDER, 2009).

Contudo, neste trabalho, procurou-se discutir a importância da produção de autoconsumo para um “modelo” de agricultura sustentável, entendendo o papel das políticas agrícolas nos padrões de vida do homem do campo e a importância dos fatores determinantes na produção para autoconsumo.

Quando indagados sobre como era a produção voltada ao autoconsumo antigamente, os agricultores afirmam que havia maior fartura de alimentos. Dessa forma, referem-se ao passado como época de fartura, onde a terra era mais produtiva e os alimentos abundantes e diversos (MENASCHE; MARQUES; ZANETTI, 2008).

Grisa (2007) observou que a produção para autoconsumo está presente na totalidade dos estabelecimentos e tem representação financeira significativa. Gazolla (2004) constatou que a qualidade nutricional do alimento produzido para o autoconsumo tem qualidade superior aos alimentos adquiridos no mercado. O alimento para o autoconsumo tem o cultivo com menor quantidade de produtos químicos, considerado pelos agricultores como alimento puro.

## **2 TRANSFORMAÇÕES NA AGRICULTURA BRASILEIRA**

A agricultura brasileira passou por profundas transformações desde a década de 1970. Elementos característicos da “pequena agricultura” ou da agricultura camponesa foram sendo substituídos por novas práticas e meios de produção. Assim aconteceu com a enxada, a tração animal, a carroça, a colheita manual, entre outros, que agora são utilizados com pouca intensidade e encontrados esporadicamente. Seguindo essa tendência, chegou-se a presumir que outras características da agricultura e do meio rural também seriam alteradas, como a produção para o autoconsumo. Com isso se pensou que haveria a perda de importância, à medida que a modernização da agricultura se consolidasse (GRISA, 2007).

Tais transformações afetaram todo o país, uma vez que a modernização foi implantada em um processo incentivado pelo poder público. Certamente que em determinadas regiões, a resistência por parte dos agricultores foi maior do que em outras, fazendo com que seus efeitos repercutissem e atingissem a todos. Esse movimento de modernização ocasionou uma mudança estrutural na forma de fazer agricultura e produzir alimentos, cabe destacar aqui que ligado a isso surgiram inúmeros problemas (COLLET, 2009).

Gazolla (2004) afirma que, a partir de 1970, iniciou-se a dependência do agricultor a fatores externos à propriedade, denominando tais fatores de “externalidades”, nesse processo, poucos agricultores conseguiram se inserir, em razão das novas técnicas de produção. Com isso, muitos agricultores foram excluídos, sobrevivendo à margem desses movimentos de transformação social. Entre esses últimos, estão os que ainda hoje possuem pouca parcela de terra e não aderiram aos avanços tecnológicos, vivendo à espera de alternativas que revertam esse quadro desigual.

Porém, a entrada do capital comercial e industrial no campo gerou profunda alteração nas formas de produzir e viver da população ocupante de pequenas parcelas de terra. Uma infinidade de manufaturados passa a ser oferecido pelo sistema produtivo e, no desafio de gerar renda para garantir a inserção no mercado, passa-se a produzir com base na mecanização e nos insumos industriais, buscando freneticamente a operacionalização do conceito de produtividade (DUARTE, 2007).

### **2.1 AGRICULTURA FAMILIAR**

O conceito de agricultura familiar é recente. Até pouco tempo atrás, falava-se em pequeno produtor para designar o agricultor familiar, e, em pequena propriedade, para designar a agricultura familiar. Em linhas gerais, a agricultura familiar tem como características preponderantes a gestão ou administração familiar e

trabalho predominantemente familiar. Comparadas às grandes propriedades rurais, as unidades familiares preservam melhor o meio ambiente, são mais produtivas e economicamente viáveis, enquadradas em uma agricultura dentro da sustentabilidade (PRONAF, 2002).

A agricultura familiar é o modo agrícola pelo qual mais se produz alimento no Brasil, já que possui produção diversificada, destinada ao abastecimento da propriedade, onde o excedente é vendido com vistas à obtenção de renda. Nesse sistema, a terra, o trabalho e o capital combinam-se entre si, e a família configura a unidade de produção e de consumo, de forma que os agricultores detêm grande parte dos meios de produção (FUNK; BORGES; SALOMONI, 2006).

Desse modo, a agricultura familiar deve ser entendida como forma social de trabalho e produção que ainda conserva algumas características típicas do camponês. A agricultura familiar de hoje é extremamente dinâmica do ponto de vista econômico e social. Abarca uma diversidade muito grande de sistemas produtivos, de tipos de inserção mercantil, sendo capaz de reproduzir-se incorporando as inovações e o progresso tecnológico em larga escala (GAZOLLA, 2004).

Entende-se por agricultor familiar todo aquele que explora uma parcela da terra na condição de proprietário, assentado, posseiro, arrendatário ou parceiro. Esse agricultor utiliza o trabalho direto, seu e de sua família, podendo ter, em caráter complementar, até dois empregados permanentes e contar com a ajuda de terceiros, quando a natureza sazonal da atividade agropecuária o exigir. Além disso, não pode deter área superior a quatro módulos fiscais, quantificados segundo a legislação em vigor, deve ter, no mínimo, 80% da renda familiar bruta anual originada da exploração agropecuária, pesqueira e/ou extrativa e residir na propriedade ou em aglomerado rural ou urbano próximo (INSTITUTO CEPA, 2002).

## 2.2 PRODUÇÃO PARA AUTOCONSUMO

A produção para autoconsumo compreende todo o tipo de produção, bens, ferramentas de trabalho ou outros produtos que são gerados no interior da unidade familiar e utilizados pelos seus membros para suprir suas necessidades. Nesse sentido, o autoconsumo alimentar pode ser definido como aquela parcela da produção animal, vegetal ou transformação caseira, que foi produzida pelos membros de uma família e que é utilizada na alimentação do grupo doméstico, de acordo com as suas necessidades (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007).

Desfrutar de alimentos "sem venenos" e saber o que está consumindo são algumas das principais justificativas para a existência do autoconsumo nos estabelecimentos rurais. Para garantir a qualidade e a sanidade, a produção destinada ao autoconsumo geralmente é isenta de agrotóxicos e outros produtos químicos e utiliza esterco animal, cinzas, restos de alimentos e outros materiais que não comprometem a saúde do consumidor. Essa produção promove manejos mais sustentáveis mediante a utilização e reciclagem de recursos locais disponíveis, sem agredir o meio ambiente (GRISA, 2007).

Vale ressaltar que a produção para autoconsumo é praticada não apenas pelas famílias moradoras em áreas rurais, mas também por um grande número daquelas situadas em áreas urbanas e periurbanas. A produção de alimentos para autoconsumo constitui elemento-chave para o acesso a uma alimentação segura, alimentos saudáveis oriundos de cultivos onde, raramente, são aplicados agrotóxicos (GADELHA; MALUF, 2008).

A produção de autoconsumo é de suma importância para o suprimento de alimentos básicos nas famílias. Tem como finalidade melhorar a qualidade de vida e, até mesmo, aumentar a renda total. Além disso, o autoconsumo representa uma garantia de qualidade dos produtos consumidos pela família, que sabem a procedência dos alimentos, fato que proporciona uma alimentação mais saudável. Dessa forma, a produção de autoconsumo deve ser incentivada, pois a quantia economizada com esse tipo de consumo pode representar investimento em outros setores (LEITE; BERGAMASCO, 2002).

Dombek, Tereso e Bergamasco (2005) verificaram, ainda, que as famílias que utilizaram a estratégia de produzir o autoconsumo de origem vegetal ou animal estavam em condições de segurança de alimentar melhores que as que não produziram para tal finalidade.

Segundo Gazolla (2004), a produção para autoconsumo também é responsável pela maior autonomia das famílias diante do contexto social e econômico que circunda as unidades de produção. Com essa produção assegurada, as famílias ficam menos dependentes do mercado.

Essa forma de produção permite a reprodução familiar do agricultor dentro do espaço agrícola, garantindo, assim, a segurança alimentar. Dessa forma, quando se trabalha com uma agricultura orientada somente para as relações mercantis, tem-se maior dependência externa, deixando o agricultor vulnerável e mais exposto a possíveis crises que venham a enfrentar no setor (PELINSKI et al., 2006).

Contudo, a crise dos alimentos vivida em 2008 caracterizou-se, sobretudo, como um rápido e significativo aumento dos preços dos alimentos em todo o mundo, ameaçando parcelas da população a voltarem a condições de insegurança alimentar, já sofridas no passado (BRASIL, 2008). Assim, fica mais evidente a importância da produção para autoconsumo.

Porém, segundo Altmann, Mior e Zoldan (2008), algumas tendências indicam que os hábitos alimentares deverão evoluir, buscando consumir produtos naturais, como frutas e verduras. Deverão atender categorias especiais (idosos, crianças, vegetarianos, etc.) e ganhar espaço em pequenas propriedades, podendo também ser importante fonte de renda e nicho de mercado para a agricultura familiar.

### **3 FATORES DETERMINANTES DA PRODUÇÃO PARA AUTOCONSUMO**

Apesar de a produção para o autoconsumo estar presente em quase todas as unidades familiares, ela não é praticada com a mesma intensidade e importância em todos os estabelecimentos. Sendo assim, a produção para o autoconsumo entre unidades familiares deve-se a vários fatores. Foi com base nessas considerações, que se relacionam a seguir os elementos que podem explicar as diferenças encontradas entre as unidades familiares.

#### **3.1 TAMANHO DA FAMÍLIA**

Grisa e Schneider (2008) concluíram que o número de consumidores influencia na decisão de produzir ou comprar e determina a quantidade produzida para o autoconsumo. Famílias mais numerosas e com maior número de consumidores, sobretudo, com mais força de trabalho, apresentam maior autoabastecimento alimentar. A presença de mulheres de mais idade também contribui para essa condição.

#### **3.2 TAMANHO DA PROPRIEDADE**

Observa-se que, à medida que a área aumenta, intensifica-se a produção para o autoconsumo. Em geral, estabelecimentos com menos de dez hectares apresentam autoabastecimento alimentar. Assim, estabelecimentos muito pequenos podem limitar a quantidade de alimentos produzidos por área, fazendo com que as unidades familiares possam optar por produzir, no mesmo espaço, culturas mais rentáveis economicamente, maximizando o fator de produção "terra". Independente de qual seja o caso, o tamanho das propriedades rurais pode ser fator limitante para a segurança alimentar das famílias e um dos fatores explicativos das diferenças de importância do autoconsumo entre estas (GRISA, 2007).

Sobre o tamanho dos estabelecimentos Dalmazo, Sorrenson e Figueiró (2002) verificaram que os pequenos agricultores, mesmo ligados ao mercado, não são movidos pela lógica capitalista (aumentar os lucros), mas pela lógica camponesa, de produção para autoconsumo e manutenção do *status* atual, com minimização dos custos. Esse comportamento caracteriza-se por aversão ao risco e tecnologias modernas, uso de tecnologias tradicionais e forte preocupação com a produção para o autoconsumo.

O autoconsumo é fator determinante para a continuidade das pequenas unidades de produção familiar, mas poucas vezes é considerado em análises de viabilidade econômica, em virtude de sua complexidade, concluem Ozelame, Troian e Cavalheiro (2007).

### 3.3 AS CONDIÇÕES TÉCNICAS E A PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA

As unidades familiares que receberam alguma forma de assistência técnica apresentam maior produção para autoconsumo que as desassistidas. As empresas públicas de Assistência Técnica e Extensão Rural incentivam mais intensamente a produção para autoconsumo. Essa relação positiva entre produção para o consumo familiar e extensão rural nem sempre foi assim. No ímpeto da modernização tecnológica, as unidades familiares foram estimuladas pelos extensionistas a diminuir essa produção e intensificar a produção de *commodities*. Atualmente, o principal argumento utilizado pelos assistentes sociais e técnicos para que as famílias incrementem sua própria produção de alimentos é a segurança alimentar (GRISA; SCHNEIDER, 2008).

Grisa (2007) também investigou a produção agropecuária e verificou que os agricultores que têm a produção de uva, pêssego e produção leiteira produzem menos para o autoconsumo, porque essas atividades são mais intensas em trabalho, satisfazendo suas necessidades por meios de compra. A cultura da soja, de certo modo, também acaba interferindo na produção para o autoconsumo, uma vez que as unidades familiares têm dado preferência às culturas com maior retorno econômico.

Igualmente, a criação de frangos de corte no sistema de integração tem uma especificidade em relação à produção para o autoconsumo. As unidades familiares nesse sistema recebem orientação das empresas para eliminar a produção de outras aves (galinha caipira, ganso, etc.) ou mantê-las em local fechado e distante do aviário, como uma medida de controle sanitário. Essa restrição tem favorecido a diminuição do consumo de alimentos provenientes das criações, particularmente, galinha caipira (MENASCHE; MARQUES; ZANETTI, 2008).

O agricultor integrado deve obedecer às regras estabelecidas pela empresa integradora. Em alguns casos, é obrigado a deixar de produzir certos alimentos para o consumo, por exigência da empresa. Mesmo que haja considerável diminuição dessa produção, aquele alimento destinado ao autoconsumo foi e ainda é considerado o de maior qualidade do que aquele destinado ao mercado, como fica bastante evidente no caso dos agricultores integrados (TONEZER; SANTOS; RAMBO, 2008).

### 3.4 FONTES DE RENDA

Em todos os sistemas, segundo Tremarin, Pezzi e Genessini, (2007), as atividades para autoconsumo contribuem significativamente para a formação de renda, além de conferir maior segurança alimentar e mais instabilidade em relação a mudanças na economia.

Outra fonte de renda analisada é a renda de atividades não agrícolas. Os estabelecimentos familiares exclusivamente agrícolas apresentam valores de autoconsumo um pouco superiores aos que têm várias atividades. A partir disso, poder-se-ia supor que, ao combinar atividades agrícolas com não agrícolas, as unidades familiares utilizam a força de trabalho disponível de modo mais intenso, diminuindo o tempo para a produção de autoconsumo, ao mesmo tempo, o recebimento de mais uma renda contribui para a aquisição de alimentos comprados (SCHNEIDER et al., 2006).

### 3.5 FILHO DE AGRICULTOR

O fato de acompanhar a rotina de trabalho dos pais e, em certa medida, ajudar nas atividades, possibilitava o aprendizado e o conhecimento para, em anos seguintes, quando constituída nova família, satisfazer parte das necessidades alimentares por meio do próprio trabalho sobre a terra. A experiência acumulada com os pais e o fato de sempre ter trabalhado na agricultura são elementos responsáveis pelo conhecimento da produção para o consumo familiar (GRISA, 2007).

Duval, Ferrante e Valencio (2008) também concluíram que os filhos que acompanham o trabalho dos pais herdam disponibilidade maior à produção para o autoconsumo.

### 3.6 ETNIAS

Em relação às etnias percebe-se que, para os alemães, poloneses e italianos a produção para autoconsumo está presente na maioria dos estabelecimentos rurais; já para os caboclos, esta produção tem menor intensidade. Além da questão cultural, não há como desconsiderar que fatores estruturais (área, capital disponível, etc.) colaboram para estes resultados, visto que geralmente esses são mais descapitalizados (GRISA, 2007).

### 3.7 A PROXIMIDADE COM OS MERCADOS E O PREÇO DOS ALIMENTOS

A proximidade e o preço dos alimentos nos mercados também são dois elementos que interferem na produção para o autoconsumo. As unidades familiares geograficamente mais próximas dos mercados ou centros urbanos estão mais propensas a diminuir a produção para o autoconsumo e aumentar o consumo de alimentos comprados. É comum no meio rural a presença de fruteiros, comercializando seus produtos. As próprias famílias poderiam produzir esses alimentos, no entanto, a facilidade proporcionada pela compra, pesa a favor desta. A maioria dos comerciantes dessas mercadorias é oriunda de outros municípios (GRISA; SCHNEIDER, 2008).

Outro fator que tem estimulado a aproximação com os mercados na aquisição de alimentos é o preço dos produtos. Algumas unidades familiares reconhecem que o preço de compra de determinados alimentos é compensador, porém preferem produzir a maioria dos alimentos por questão cultural e identitária e, notavelmente, por questão de segurança alimentar. O conhecimento de como o alimento foi produzido e de suas qualidades, mormente sanitárias, são fatores que compensam o plantio/criação, mesmo que com custo mais elevado. Assim, o preço dos alimentos nos mercados acaba interferindo na decisão das famílias de produzir para o autoconsumo (GAZZOLA, 2004).

A facilidade de acesso a mercados locais e o aumento da oferta de alimentos neles disponíveis, podem ser apontados como alguns dos fatores que acarretaram a redução da produção de alimentos voltada ao autoconsumo, concluíram Menasche, Marques e Zanetti (2008).

### 3.8 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

A influência dos meios de comunicação, particularmente a televisão, por meio de artifícios e propagandas, cria necessidades, tornando certos alimentos indispensáveis ou, no mínimo, desperta a curiosidade do conhecimento. As unidades familiares são cada vez mais incitadas a buscar a praticidade, adquirindo alimentos prontos (bolachas, biscoitos, enlatados, etc.), e a descobrir as novidades que passam a ser incorporadas ao

cardápio familiar. Por outro lado, os meios de comunicação em geral poderiam ser importantes instrumentos para fortalecer a produção para o consumo familiar, incentivando-a via divulgação de técnicas de cultivos e transformação dos alimentos (GRISA, 2007).

### 3.9 ELETRODOMÉSTICOS E OS "ALIMENTOS PRONTOS"

A alimentação talvez tenha sido o ato social mais facilitado pelas técnicas e objetos técnicos domésticos. Desse modo, a energia elétrica e alguns eletrodomésticos têm influenciado nos hábitos alimentares das unidades familiares e também na produção para o autoconsumo, seja nos tipos de alimentos consumidos, seja na oferta destes por um período mais prolongado. A praticidade também é buscada pelas famílias rurais, sendo um dos fatores que têm favorecido o aumento do consumo de alimentos comprados que poderiam ser produzidos no próprio estabelecimento (GRISA, 2007).

Em seu trabalho, Menasche, Marques e Zanetti (2008) relatam que, antigamente, no meio rural, a carne mais consumida era a de suíno que, armazenada em barril cheio de banha, conservava-se por mais tempo do que a carne bovina. No entanto, com a chegada dos congeladores e refrigeradores, essa prática foi alterada. A possibilidade de armazenamento favoreceu o consumo de carne bovina, presente quase que cotidianamente na mesa das unidades familiares, e o consumo de carne suína diminuiu.

### 3.10 PRONAF

As políticas agrícolas para a agricultura familiar tiveram maior importância na década de 1990, o que pode ter influenciado na produção para autoconsumo. Segundo Scherer e Miorin (2005), as políticas públicas eram praticamente inexistentes, voltadas quase que exclusivamente às grandes propriedades (agronegócio), especialmente as mais capitalizadas. A criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) em 1995, tornou-se uma alternativa para o produtor familiar que não se beneficiava de nenhum recurso anteriormente. Os resultados dos novos incentivos postos em prática permitiram que alguns agricultores familiares começassem a adquirir tecnologias e modernizar seus instrumentos de produção e de transformação dos produtos.

Entende-se por Pronaf, um programa de crédito rural destinado a financiar e apoiar as atividades produtivas e econômicas dos agricultores familiares. O Pronaf visa, principalmente, financiar e fortalecer as principais atividades das unidades de produção, mas, também, a produção para consumo dos agricultores familiares (PROGRAMA NACIONAL DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR, 2002).

De modo geral, pode-se afirmar que o que era para ser um programa de desenvolvimento rural se transformou em um programa que visa fortalecer e apoiar a produção agropecuária, a especialização produtiva e a inserção mercantil dos agricultores familiares nas cadeias agroindustriais de grãos e *commodities* agrícolas. Nesse sentido, o Pronaf que é uma política de apoio da agricultura familiar, via crédito rural, fortalece condições adversas à reprodução social dos agricultores. Assim, o programa possui algumas contradições no que se refere às ações que devem apoiar e, também, em relação ao que se entende por fortalecer a agricultura familiar (GAZZOLA, 2004).

Gadelha e Maluf (2008) verificaram que as famílias que têm na produção de alimentos para consumo próprio, uma das principais formas de acesso à alimentação, geralmente, não acessam os programas de crédito para custeio de suas plantações ou criações, tampouco recorrem a financiamentos e empréstimos para as atividades produtivas.

#### 4 PRODUÇÃO PARA AUTOCONSUMO EM SANTA CATARINA

Santa Catarina é considerada referência nacional e internacional quando se fala em agricultura familiar. No estado predominam pequenas propriedades rurais (EPAGRI, 2008). São 180 mil famílias, onde 89% dos estabelecimentos rurais têm até 50 ha que ocupam apenas 41% da área total, porém produzem altas quantidades de alimentos.

Um problema enfrentado pelos catarinenses é a sucessão familiar das pequenas propriedades rurais. Stropasolas (2006) verificou que muitos jovens saem do meio rural devido às más condições socioeconômicas. Pelas limitadas possibilidades de realização, os jovens não dispõem de liberdade para investir em novas ideias e recriar valores, havendo, inclusive, uma masculinização do meio rural.

Os padrões sucessórios dominantes na agricultura familiar são hoje uma ameaça ao seu próprio desenvolvimento e, conseqüentemente, à integridade do tecido social que responde pela ocupação de parte significativa do território brasileiro. O êxodo rural atinge hoje os jovens com muito mais ênfase do que em momentos anteriores. Há 20 ou 30 anos, os jovens do meio rural obedeciam às regras de seus pais e permaneciam no campo. Hoje, os jovens buscam o meio urbano com mais frequência (ABRAMOVAY et al., 1998; SILVESTRO et al., 2001).

Analisando esses trabalhos, verifica-se que os jovens saem do meio rural por encontrar um ambiente desfavorável, sem muita expectativa o que evidencia um problema na sucessão das pequenas propriedades.

Todavia, alguns autores em seus trabalhos chegaram a diferentes conclusões. Gerber e Aguiar (2009), ao estudar gênero e geração no meio rural, verificaram que o jovem rural quer qualidade de vida. Relatam que os jovens amam o local onde nasceram e que se tivessem condições dignas e uma forma de sobreviver da sua profissão, não sairiam do meio rural.

Quando entrevistados os jovens que saíram e aqueles que ainda permanecem no meio rural, Collet (2009) verificou que há uma boa ligação com o meio rural, em razão da qualidade de vida. Relatam que o campo é um lugar bom para se viver e, aliado a isso, aparece a possibilidade de produção para o autoconsumo. Outro motivo de interesse em estar no meio rural é o fato de não ter horário a cumprir, além de ser muito mais seguro.

Diante dessa realidade, Menasche, Marques e Zanetti (2008) constataram que a evasão dos jovens do meio rural tem ligação direta com a diminuição da produção para o autoconsumo nas pequenas propriedades rurais.

Qualidade de vida e condição de produzir seu próprio alimento são os principais motivos que aumentam o desejo de permanecer ou voltar para o meio rural. Com isso, as políticas públicas podem ter resultado significativo na decisão entre o sair ou o permanecer no campo, isso quando planejadas com a participação popular e a aceitação da opinião do público-alvo. Assim, políticas bem planejadas e discutidas podem minimizar o problema da evasão do jovem do campo, além de aumentar a produção de alimentos para o autoconsumo (COLLET, 2009).

#### 5 CONCLUSÃO

A produção para o autoconsumo é de fundamental importância para as pequenas propriedades, sendo uma forma de escape, a fim de minimizar os impactos de crises. O sistema produtivo imposto faz uma pressão contrária a essa produção, em virtude de vários fatores já mencionados.

As pequenas unidades de produção familiar, mesmo tendo passado por profundas transformações, ainda são responsáveis pela produção da maior parte dos alimentos, gerando trabalho à maioria da população que vive no meio rural. Porém, com a adoção de tecnologias do novo modelo produtivista, elas perderam suas características básicas, diminuindo, assim, a produção para o autoconsumo.

Dessa forma, fica evidente a importância da produção para o autoconsumo nesses estabelecimentos, como forma de fortalecer, melhorar a qualidade de vida e diminuir o êxodo rural dos agricultores familiares.

Nesse cenário, a agricultura familiar tem grandes desafios para enfrentar. Contudo, essa produção é uma estratégia importante para a autonomia da agricultura familiar, além de ser elemento integrante do modo de vida rural; deve ser considerada instrumento potencial para o desenvolvimento social no campo.

Entretanto, um processo de retomada dessa produção para o autoconsumo deve ser iniciado, com a adoção de metodologias pela assistência técnica, para que essa produção seja aumentada e tenha sua devida importância, principalmente entre os pequenos agricultores. O incentivo deve partir de políticas públicas, que valorizem e apoiem essa produção, para que haja uma agricultura familiar sustentável.

### Abstract

*This study analyzed the determinative factors in the production for self consumption in familiar agriculture. It starts from a study about the transformations that the agriculture passed for, and about a hand-operated production with few chemical products, for an intense production, which was called rural life modernization. The concept of familiar agriculture is recent, it consists of properties where labor and familiar management are predominated, however it is responsible for great production of foods and it fits in a sustainable agriculture. The methodological proceeding used in this work was a bibliographical revision from material already published, constituted of books, articles of magazines and available materials in the Internet. The production for self consumption ranges any type of production, goods, and tools of work or other products that are produced inside the families and used by its members to provide for needs. It is, basically, in every rural property, however, some of them with bigger intensity and others with less one. The mainly characteristic is a production without agrochemicals, considered by the farmers as pure food. Among the principal determinative factors in the production for self consumption in the familiar agriculture we have: the size of the family, the size of the property, the technical conditions and the farming production, other source of money, to be a son or daughter of a farmer, Pronaf, and some other factors. In Santa Catarina state, the succession of familiar agriculture is a problem and it is linked with self consumption production. With that, it was checked that the self consumption production is an important strategy for the autonomy of the familiar agriculture, and it is an integrant element of rural life.*

*Keywords: Production for self consumption. Familiar agriculture. Properties. Food.*

### REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. et al. **Juventude e Agricultura familiar**: Desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília, DF: Unesco, 1998.

ALTMANN, R.; MIOR, L. C.; ZOLDAN, P. **Perspectivas para o Sistema Agroalimentar e o Espaço Rural de Santa Catarina em 2015**: Percepção de representantes de agroindústrias, cooperativas e organizações sociais. Florianópolis: Epagri, 2008. (Epagri. Documentos, 231).

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Abastecimento e segurança alimentar**: o crescimento da agricultura e a produção de alimentos no Brasil. Brasília, DF: Conab, 2008.

COLLET, J. **A Evasão dos Jovens do Meio Rural e a sua Percepção em relação às Políticas Públicas no Município de Coronel Martins – SC**. 2009. 43 p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em

Desenvolvimento Rural Sustentável e Agroecologia)–Universidade do Contestado, Concórdia, 2009.

DALMAZO, N. L.; SORRENSON, W. J.; FIGUEIRÓ, N. **Objetivos e atitudes dos pequenos agricultores diante de novas tecnologias**. Florianópolis: Epagri, 2002. (Epagri. Documentos, 208).

DOMBEK, L. A.; TERESO, M. J. A.; BERGAMASCO, S. M. P. P. **Segurança Alimentar e Autoconsumo em Assentamentos Rurais do Pontal do Paranapanema – Brasil**. Campinas, 2005.

DUARTE, V. **'Autoconsumo' da população do campo: resistência econômica ou estratégia política?** 2007. Disponível em: <<http://sistema.assesoar.org.br/arq.>>. Acesso em: 9 set. 2009.

DUVAL, H. C.; FERRANTE, V. B.; VALENCIO, N. S. **Produção de Autoconsumo em Assentamentos Rurais: Princípios da Agricultura Sustentável e Desenvolvimento**. Rio Branco: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2008.

EPAGRI. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2008-2009**. Florianópolis: Epagri; Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola. Disponível em: <[http://cepa.epagri.sc.gov.br/Publicacoes/sintese\\_2009/sintese\\_2009.pdf](http://cepa.epagri.sc.gov.br/Publicacoes/sintese_2009/sintese_2009.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2009

FUNK, F.; BORGES, M. M.; SALAMONI, G. **Pluriatividade: Uma Estratégia de Sustentabilidade na Agricultura Familiar nas Localidades de Capão Seco e Barra Falsa 3º Distrito – Rio Grande – RS**. Geografia, v. 15, n. 2, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/geografia>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

GADELHA, E.; MALUF, R. S. **Contribuições da Produção para Autoconsumo no acesso aos alimentos**. Rio de Janeiro, 2008.

GAZOLLA, M. **Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: Uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS**. 2004. 306 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A Produção da Autonomia: os “papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, Ed. da UFRRJ, v. 15, p. 89-122, 2007.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. **O Processo de Mercantilização do Consumo de Alimentos na Agricultura Familiar**. Porto Alegre, 2004.

GERBER, R. M.; AGUIAR, V. P. **Apontamentos sobre as principais questões de gênero e geração no meio rural catarinense**. Florianópolis: Epagri, 2009. (Epagri. Documentos, 232).

GRISA, C. **A produção “pro gasto”**: um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul. 2007. 200 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. **Fatores determinantes da produção para autoconsumo na agricultura familiar**: um estudo comparativo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008a.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. “Plantar pro gasto”: a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. **RER**, Piracicaba, v. 46, n. 2, p. 481-515, abr./jun. 2008.

INSTITUTO CEPA. **Perspectivas para a Agricultura Familiar Horizonte 2010**. Florianópolis, 2002.

LEITE, J. P. A.; BERGAMASCO, S. M. P. P. Avaliação do Autoconsumo de Alimentos no Assentamento de Sumaré II e Estudo Comparativo entre Assentamentos Rurais. In: CONGRESSO INTERNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP, 10., 2002, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2005.

MENASCHE, R.; MARQUES, F. C.; ZANETTI, C. Autoconsumo e segurança alimentar: a agricultura familiar a partir dos saberes e práticas da alimentação. **Revista Nutrição**, Campinas, 145s-158s, jul./ago. 2008.

OZELAME, D. ; TROIAN, A.; CAVALHEIRO, A. Valorizando o autoconsumo: Alimentação e Independência. **Rev. Bras. Agroecologia**, v. 2, n.1, fev. 2007.

PELINSKI, A. et al. **Auto Consumo**: Sua relevância na sustentabilidade da Agricultura Familiar Agroecológica. 2006. Disponível em: <[http://www.iapar.br/arquivos/File/zip\\_pdf/Trab065Autoconsumo.pdf](http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/Trab065Autoconsumo.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2009.

PROGRAMA NACIONAL DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR. **O Pronaf e a agricultura familiar catarinense**. Florianópolis, 2002.

SCHERER, F. B.; MIORIN, V. M. F. Caracterizações da Agricultura Familiar no Município de São Sepé, RS. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 3., 2005, Presidente Prudente; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2., 2005, Presidente Prudente; JORNADA ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA, 2005, Presidente Prudente. **Anais...** Presidente Prudente, 2005.

SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. Agricultura familiar, produção para autoconsumo e segurança alimentar. In: BENTO CASARIL, K. B. P.; PLEIN, C. (Org.). **Segurança alimentar numa perspectiva multidisciplinar**: contribuição ao debate brasileiro. Francisco Beltrão: Ed. da Unioeste, 2005.

SILVESTRO, M. L. et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília, DF: Nead; Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

STRIEDER, R. **Diretrizes para elaboração de projetos de pesquisa**. Joaçaba: Ed. Unoesc, 2009. (Metodologia do Trabalho Científico, v. 3).

STROPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

TREMARIN, I. C.; PEZZI, S. M.; GENESSINI, A. Análise da Sustentabilidade da Agricultura Familiar: Um estudo de caso em duas Comunidades Rurais, nos Municípios de Roca Sales e Vespasiano Corrêa. **Rev. Bras. Agroecologia**, v. 2, n. 1, fev. 2007.

TONEZER, C.; SANTOS, F.; RAMBO, A. G. **Produção para Autoconsumo entre Agricultores Familiares da Comunidade de Jacarezinho – Encantado/RS**. Rio Branco: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2008.